

A COMUNICAÇÃO RURAL NA PERSPECTIVA EXTENSIONISTA:

Crítica Epistemológica e Possibilidades Metodológicas

Ada Cristina Machado Silveira - Autora ¹
João Eduardo Pinto Bastos Lupi - Orientador ²

A pesquisa realizada proporcionou analisar historicamente a constituição da disciplina de comunicação rural no Brasil, numa abordagem metodológica histórico-crítica, a partir da perspectiva extensionista. A construção da disciplina de comunicação rural como epistemologia que orienta a prática metodológica da ação extensionista define uma série de contradições específicas estabelecidas na relação desta com a sociedade brasileira, especificamente no que se elegeu como o "meio rural" sob intervenção. A interpretação realizada visa alcançar os pressupostos epistemológicos que têm determinado um uso ideologizado da disciplina, o qual a impossibilita superar os impasses teóricos em que se debate, como é o caso da ocorrência de incomunicação.

A extensão rural historicamente se viu envolvida num esforço prático de intervenção na realidade social e tecnológica do meio rural. Entretanto, a condição de proposta de extensão do saber gerado nos centros experimentais e de pesquisa das ciências agrárias não assegura, a tais disciplinas, um monopólio sobre os pressupostos e ilações epistemológicos que tal prática de extensão encerra em suas metodologias, particularmente a de comunicação. Isto é procedente na medida em que os reclamos dos extensionistas pelo caráter "prático" das contribuições acadêmicas deva ser prioritário. Evidentemente que o entendimento que um extensionista possa alcançar sobre a praticidade de uma proposta não é o mesmo interesse prático que as ciências humanas e sociais procuram cognitivamente. Na diferença de conceitos que se estabelece sobre o caráter prático de uma contribuição reside a grande ambigüidade do objeto da ação extensionista. Pois ela orienta-se cientificamente tanto por aportes das ciências humanas, quanto das ciências da natureza.

Dado que o interesse cognitivo das ciências da natureza as leva a considerar a realidade conforme a disponibilidade técnica e sua conseqüente instrumentalização operativa, as ciências agrárias tendem a estender os pressupostos aí contidos, considerando os homens enquanto objetos

¹ Professora Assistente da Faculdade de Comunicação Social - UFSM.

² Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina.

de uma intervenção. Cometer tal equívoco implica epistemologicamente em retroceder a uma problemática superada pela contribuição longínqua do tomismo, a qual proporcionou-nos a distinção primordial entre os seres humanos, animais, vegetais e minerais.

Longe de aproximar comunicacionalmente as práticas teóricas das ciências humanas com as ciências da natureza, com o fim de uma proposição comum de intervenção na realidade, o equívoco apontado tem promovido a desantropologização das práticas agrícolas e assegurado o domínio do capital nas novas formas de organização das relações sociais de produção. O que não pode ser confundido com o objetivo extensionista de "melhoria de vida do povo rural".

As possibilidades do extensionismo enquanto prática embasada cientificamente afirmam-se num campo epistemologicamente constituído na tentativa de superação do dualismo cartesiano. Porém, o extensionismo observa tal dualismo concomitantemente à manutenção de enunciados de caráter valorativo, como a "resistência à mudança". O que não mais sustenta a aspiração de conformar um lastro racional que oriente as decisões para a "mudança de mentalidade" nos projetos de desenvolvimento rural com base nos enunciados de uma prática científica empírico-analítica somente. Isto é o que estrutura o uso de sua comunicação de forma ideologizada, porque se embasa em fundamentos que são tomados de uma certa prática de ciência que se considera despida de valores recorrentes, executada a partir de um conhecimento contemplativo da realidade e excludente do caráter socialmente determinado e culturalmente construído que configura as relações entre os homens. É neste sentido que a prática comunicativa extensionista se justifica como um "projeto informativo para o capital".